



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

cap 6

Aaron Fischer



CAPÍTULO 6

POLÍTICAS E POLITICAGENS

– Quem é você, Aaron Fischer? – Balor tinha um tom de voz calmo, mas nem um pouco simpático.

Fazia um dia desde que Aaron havia acordado assustado, em um quarto que ele não conhecia, sobre uma confortável cama, preso a uma barra de ferro, por uma algema feita de um mineral roxo escuro, quase preto, que sugava suas energias e seu poder. Seu corpo doía por inteiro, aliás, era algo que se tornara recorrente, desde que descobrira ser um Elemental. Seu rosto e seu tronco estavam protegidos por curativos bem feitos e não demorou muito para que um dos funcionários da família Balor aparecesse para lhe servir água e comida.

Ele tentou perguntar o que estava acontecendo e se Aurea estava bem, mas ganhou apenas um olhar raivoso como resposta. O tempo passou lentamente, horas e horas, que ele podia jurar serem dias. A espera estava tirando sua paciência assim como toda a situação. Mas o que ele podia esperar de Elementais? Tentara ajudar e o que ganhava como retribuição eram algemas. Realmente, ele estava sozinho naquele mundo, não podia confiar em ninguém. Elemental ou comum.

Naquele momento, ele se encontrava diante de uma mesa de pedra, em um escritório suntuoso, com diversos cartazes de procurado, marcados com um “x” no rosto dos criminosos, emoldurados e pendurados na parede, atrás de onde estavam sentados Balor e Aurea. Não havia nenhum com a recompensa menor do que dez milhões

de Draks. Nas paredes laterais, em belas estantes de vidro, estavam diversos artefatos, expostos como troféus. O ambiente em si, com sua coloração escura e todas aquelas tokens de vitórias passadas, era intimidador, como a toca de uma criatura poderosa, um predador.

— Sou só um garoto, que vocês acharam em um orfanato. — Aaron não tinha como saber o que Balor e Aurea sabiam sobre ele. Provavelmente Alfred havia contado tudo, depois do ataque a mansão dos Balor, mas por enquanto, ele tentaria manter a sua mentira.

Aurea pegou algo do chão, esticando o braço para mostrar a lança e adaga de Aaron, deixando-os cair na mesa:

— Vamos Aaron, seja sincero... Interrogamos Alfred sobre você, e ele nos contou tudo. Pelo menos tudo que sabia.

— E o que ele lhes disse?

Balor soltou um risinho sarcástico, se inclinando para frente e se apoiando na mesa, deixando seu rosto a poucos centímetros do de Aaron:

— Ele disse que Kuma sequestrou sua mulher e sua filha, e o obrigou a escolher você como o candidato a participar do grupo de Aurea. O que você vai nos dizer é: o que Kuma quer comigo?

— Kuma sequestrou a família do Alfred para isso... — O poder que Balor emanava era algo avassalador, inquietante. No entanto, aquela informação pegou Aaron desprevenido, superando aquela sensação. Se aquilo fosse verdade, que tipo de homem era Kuma, realmente? E pior de tudo, que tipo de homem fora Jonas...

— Você não sabia disso? — Aurea perguntou desconfiada, recebendo

um olhar de desaprovação de seu pai.

— Não, eu não sabia...

— Isso não importa. Eu quero saber o que Kuma quer comigo. — Balor o cortou, sem muita cerimônia.

— Importa sim. Para mim importa.

— Vamos garoto, não me venha cheio de princípios agora. Só estou fazendo isso aqui, desta maneira. — Ele girou sua mão direita, indicando seu escritório, até bater com o dedo indicador na mesa, marcando suas palavras. — Porque Aurea me pediu. Não me faça perder a paciência. Vou perguntar pela última vez: o que Kuma quer comigo?

Aaron parou, olhando de Balor para Aurea e Aurea para Balor. Ele sabia que a única coisa que podia falar, era que Kuma sabia que algo estranho estava acontecendo dentro do Exército Imperial, e queria aquela informação. Ele não podia simplesmente revelar para um general do Exército Imperial, que era filho de Logan, o Lobo e que eles queriam que Aaron fosse treinado na Escola para Elementais de Lysmor, para que ele pudesse liderar um reformulado Exército Negro, na tentativa de derrubar o Império.

— Ele sabe que algo estranho está acontecendo nas fileiras do Exército Imperial, principalmente nos rankings mais altos... Ele acredita que você é uma das principais peças dessa confusão, e queria que me aproximasse de Aurea, e conseqüentemente de você, para conseguir informações.

Balor alisou sua barba, refletindo um pouco sobre a resposta de Aaron, parecendo falar consigo mesmo:

— Então o burburinho já chegou ao submundo... – Ele voltou a cravar seus olhos em Aaron, seu tom de voz neutro. – ...Não faz sentido garoto, um homem com os recursos de Kuma passar por tantos problemas e riscos, para infiltrá-lo na minha família. Convenhamos, não é nem de longe a maneira mais eficaz de se fazer isso. Você não está nos contando algo...

Aaron sentia o olhar pesar sobre ele, o estudando, esperando para ver suas reações. Sua mente tentava pensar uma maneira de convencê-lo:

— Existem inúmeras vantagens de se ter um Elemental treinado e infiltrado na família de um general.

— Vamos Aaron, as chances de que você se tornaria apenas um colega da escola de Aurea, eram infinitamente maiores do que a de você se tornar alguém próximo à família. Quanto a Elementais treinados, eu tenho certeza de que Kuma tem vários ao seu dispor. Para coroar... – Balor pegou a adaga de Jonas da mesa, a retirando da sua bainha, apreciando a lâmina de metal reluzente, enquanto testava o fio em seu dedo indicador. – ... Eu reconheço esta adaga, pertenceu a um homem que há muito tempo está desaparecido, um homem que O Lobo considerava um irmão... – Balor abriu uma gaveta, retirando um cartaz de procurado, similar aos pendurados em sua parede, mostrando-o a Aaron. Nele, estava uma ilustração de Jonas, muito mais jovem, seus cabelos ainda pretos, cortados curtos, em um estilo militar, seu corpo mais musculoso, quase irreconhecível. Logo abaixo estava sua recompensa: um milhão de Draks. – ... Um homem chamado Gerard. E pela sua reação, você o conhece.

Aaron não conseguiu esconder a surpresa de ver aquilo. Um sentimento estranho, de nostalgia e raiva o invadiram. Ele realmente não tinha

ideia de quem havia sido Jonas. Ele nem sabia quem ele próprio era, a única coisa que tinha certeza, era que queria sua vingança.

- Se você já sabe disso tudo, por que ainda está fazendo perguntas?!
- A sua raiva borbulhando em seu sangue.

Balor sorriu satisfeito, enquanto Aurea olhava para eles, confusa.

- Você não está com medo? – Balor continuava com seu olhar inquisidor, estudando cada movimento de Aaron.

- O Exército Imperial tirou tudo de mim, eu não tenho mais nada a perder.

- Não estou entendendo. O que está acontecendo? – Aurea interrompeu.

- Minha filha, este é Stark Grun, o filho desaparecido do Lobo.

Aquele nome acertou Aaron com força, nem aquilo ele sabia. Ele nunca havia parado para pensar, que seus pais biológicos deveriam ter lhe dado um nome diferente. Que o nome Aaron Fischer era apenas uma criação de Jonas, do mesmo jeito que o próprio nome “Jonas”. Seu verdadeiro nome era Stark.

Ele repetiu aquele nome várias vezes em sua cabeça e, cada vez que o som reverberava em seus pensamentos, sua raiva aumentava. Ele não perderia a única coisa que ainda lhe restava, seu nome, o nome que Jonas o havia dado, nome pelo qual Sarah o chamara em seus últimos suspiros, o nome pelo qual era conhecido na Vila do Arpão.

- Meu nome é Aaron Fischer. Mas sim, eu sou o filho perdido de Logan, o Lobo.

– Em pensar que você cairia no meu colo desta maneira... – Balor voltou a alisar sua barba, refletindo, sob o olhar ansioso de Aaron.

– Como assim? O Lobo? O Lobo ex-comandante do Exército Negro?!

– Aurea levantou a voz surpresa.

– Sim, Aurea... – Balor continuava perdido em seus pensamentos.

– Vamos general, me leve logo preso. – Sua voz carregada de raiva e ressentimento, enquanto ignorava Aurea, que estava de pé, olhando para ele ainda perplexa.

– E porque eu faria isso, Aaron? Você não cometeu nenhum crime, cometeu?

– Eu... eu... isso não importa. – Era a vez de Aaron ficar confuso. Aquela não era a atitude que ele esperara.

– Claro que importa. Kuma está certo quanto a uma coisa, são tempos turbulentos. Se eu fosse fazer uma analogia sobre o Império hoje, diria que somos um céu carregado, cinza de tempestade. Se você olhar bem, conseguiria ver as descargas elétricas cruzando as nuvens. Todos sabem que em pouco tempo o mundo virá abaixo, alguns se apegam à fé de que o Sol chegará antes, mandando tudo aquilo embora, de que tudo não passará de um dia feio. Outros, como eu, preferem estar preparados. E você, Aaron, pode ser um guarda-chuva nessa tempestade, quem sabe até uma pequena casa à beira da estrada.

O mundo Elemental era muito mais complexo do que o Comum. Na Vila do Arpão, você sabia o que esperar das pessoas, conseguia ler a todos como se fossem livros, a não ser, por Jonas. Mas ali, o inesperado se escondia por trás de cada certeza. Para sua cabeça,

não fazia sentido um general não o usar como troféu.

— Mas me levar até o olhar do público, em um golpe final contra o Exército Negro, não fortaleceria sua posição, para enfrentar estes tempos que estão por vir?

— Por um lado, você está certo, mas vou lhe dar uma valiosa lição sobre política, então escute com atenção: “mais vale uma carta na manga, do que um troféu na estante.” Se eu simplesmente o entregasse neste momento, eu ganharia uma força momentânea, que seria esquecida em poucos meses. Por exemplo, fui eu quem matou Logan, o Lobo. Sou considerado um herói por isso, mas não tem me servido de muita coisa ultimamente. Com você como coringa, eu posso negociar com todos os lados da mesa, e não apenas um.

Aaron não sentiu nada, ao saber que estava diante do homem que matou seu pai biológico, no entanto, aquelas palavras lhe lembravam Kuma. Talvez não fosse o mundo Elemental que fosse complexo, mas sim o mundo do Poder. Todos pareciam ter seus passos planejados e arquitetados muito antes de acontecer, com planos de contingência e processos predefinidos para os imprevistos.

— Você não tem muitas opções. Além disso, eu tenho muito mais a oferecer do que Kuma.

— Como você sabe disso, se você não sabe o que eu quero.

— Porque Kuma lhe quer como um instrumento e eu o quero como um aliado.

— A decisão de ser aliado, não deveria ser uma opção? – Aaron não sabia como se sentir diante das palavras daquele homem.

Balor riu, se divertindo com a ingenuidade de Aaron.

— Na maioria das vezes não. Na guerra, as melhores alianças são feitas por necessidade... E você, meu jovem, além de ter uma necessidade, não tem opções, então me conte a verdade, o que Kuma quer comigo, ele sabe quem você é?

— Como eu posso saber se você realmente me quer como aliado? Se o que você está dizendo sobre Kuma é verdade?

Balor soltou o ar pelo nariz, demonstrando sua impaciência enquanto se levantava e se dirigia para fora do seu escritório:

— Me sigam, eu tenho algo para mostrar a vocês.

Ele saiu sem esperar que Aaron e Aurea se movessem, os obrigando a apertar o passo para alcançá-lo, apesar da dificuldade do garoto que ainda sentia nos braços o peso da estranha algema que sugava seus poderes.

— Para onde você está nos levando, pai?

— Vocês vão ver...

Eles o seguiram por uma longa caminhada, onde Aaron pôde ver que eles ainda estavam em Lysmat, apenas em uma parte diferente da cidade. Após algumas dezenas de minutos caminhando, eles finalmente chegaram até um pequeno galpão, feito de tijolo aparente, onde dois soldados montavam guarda. Ao ver o general, ambos bateram continência, se apressando para abrirem a porta e deixá-los passar.

O interior do lugar era extremamente frio. A temperatura contrastando

com o calor que fazia do lado de fora surpreendeu Aaron, mas ele não falou nada, apenas continuou seguindo Balor até este parar ao lado de uma maca de ferro, no centro do completo vão que era o lugar, onde um corpo jazia sem vida. Dois homens de jaleco trabalhavam debruçados sobre ele e tomaram um pequeno susto ao ouvirem a voz de Balor:

— Vocês poderiam nos dar licença por um segundo?

Eles recolheram seus materiais com pressa e partiram, deixando apenas Aurea, Aaron e Balor no interior do prédio.

— Vocês a reconhecem? – Balor se aproximou, apontando para o corpo nu, em cima da maca.

Aaron não demorou a reconhecer a mulher que havia atacado a mansão dos Balor, seu corpo musculoso e as tatuagens que cobriam seu corpo era inconfundíveis. O corpo tinha diversos ferimentos, que agora estavam limpos, não passando de pequenos traços vermelhos na maioria dos casos, no entanto, as lesões nas suas pernas, assim como a adaga, que estranhamente continuava fincada em seu peito, chamavam a atenção.

Aaron começou a responder, mas Aurea tomou sua frente, seus olhos tomados pela surpresa, sua pele mais branca do que o normal:

— É a mulher que atacou a mansão... Você a matou?

— Exato. Sim, eu a matei.

— Porque você está nos mostrando isso, pai? – Aurea não conseguia tirar os olhos do corpo imóvel de Laina.

— Dois motivos: primeiro para mostrar a você, Aurea, o mundo real. Eu sei que você é muito nova, mas esse ataque foi uma declaração de guerra contra mim, e conseqüentemente contra você... Isto é o que acontece em uma guerra. Segundo, Aaron, eu poderia ter te tratado da maneira que tratei esta mulher, mas não o fiz, no entanto, se você quiser, eu posso mudar a forma que te faço as perguntas, talvez eu obtenha mais respostas... – Balor deixou suas palavras pesarem no ar por alguns segundos, até voltar a falar. – ... Então, você vai me contar ou prefere se arriscar?

O coração de Aaron batia forte, a sua raiva se misturando com o medo de falhar tão cedo em sua busca pela vingança. Ele estava em um beco sem saída, se recusasse, aquele homem o torturaria e depois o usaria como bem entendesse. No entanto, se contasse o que Kuma planejava, seu destino provavelmente seria o mesmo.

Ele tentava pensar, mas não era uma tarefa fácil naquela situação. Ele sabia que estava demorando demais para responder, que estava estático desde que fora perguntado, mas ele não sabia o que fazer. No final, tudo que conseguira pensar, era que se revelasse os planos de Kuma, ele ainda tinha uma remota chance de evitar a tortura e de sobreviver, aquela era a única forma de continuar a traçar o caminho que o levaria a vingança.

— Ok, eu vou te contar a verdade...

Aaron passou a próxima hora contando toda sua história. Antes que ele percebesse, aquilo estava funcionando como um desabafo, ele se abriu para Balor e Aurea como nunca tinha feito na vida. Contou de suas raivas, seus medos e do seu desejo de vingança. Se ele iria morrer, ou ser usado como moeda de troca por Balor, pelo menos colocaria

tudo que tinha em seu peito para fora. Em sua ainda inocente visão de um garoto de quinze anos, esfregaria na cara de Balor, o Infernal e de Aurea, toda a podridão do Exército Imperial e dos Elementais, mostraria a eles o quão hipócritas eles eram, descontaria ali toda sua frustração. Pelo menos com palavras, ele conseguiria machucar o Exército Imperial.

Quando finalmente acabou, lágrimas mal contidas desciam por sua bochecha e ele olhava desafiadoramente para Balor e Aurea, no entanto, tudo que obteve como resposta de Balor, foi:

— Você virá conosco para Marabor e prestará a Prova dos Elementos com Aurea. Se tentar alguma coisa, qualquer coisa que seja para prejudicar a mim ou minha família, eu mato você e todas as pessoas que você já conheceu na sua vida, entendeu?

Aaron estava novamente desarmado, sem entender a resposta de Balor, então ele apenas acenou com a cabeça, confirmando.

— Eu quero ouvir você dizer...

— Eu entendi! – Aaron falou aquelas palavras em um misto de raiva e impotência. Pensando se restara algo ou alguém da Vila do Arpão, para ser morto por Balor.

— Farei algumas reuniões importantes em Marabor e independentemente dos resultados destas reuniões, teremos outra conversa antes de vocês partirem para a Prova dos Elementos. Até lá, Aaron Fischer, você será meu pupilo, meu aliado e eu te tratarei como se fosse da minha família.

Ele ainda não conseguia entender por que Balor simplesmente não o prendia e o usava como bem entendesse, mas ele não iria questionar

as suas decisões afinal conseguira sobreviver para continuar a sua jornada, e isso era tudo que importava. Talvez, até conseguisse se beneficiar daquela relação de alguma forma.

ALIANÇAS E ALIADOS

A viagem até Marabor, capital do Império, durou dez horas. O trem, uma grandiosa máquina movida por uma mistura de energia rúnica e vapor, cruzou o território imperial e alguma de suas maravilhas. Levitando a alguns centímetros do trilho a uma velocidade alucinante. Aquele novo sistema era invenção das Indústrias Storegeni, a maior empresa do Império, e seu dono Gennis Storegeni, o homem mais rico.

Gennis era o melhor amigo de infância de Balor, tendo eles prestado a Prova dos Elementos juntos, e, aparentemente, seu filho Gent, seria o outro integrante do grupo de Aaron e Aurea para o teste de admissão à Escola para Elementais de Lysmor.

Eles deveriam se encontrar no camarote que as Indústrias Storegeni possuíam no estádio do Marabor Firehorses, para assistirem à final do campeonato Imperial de Fissureball, o esporte mais popular do mundo, e para que Balor pudesse apresentar Aaron a Gennis e a Gent.

De lá, os garotos partiriam para a casa dos Storegeni, onde dormiriam para, no outro dia, fazerem suas inscrições para a Prova dos Elementos. Durante toda a viagem, Aurea não parara de falar com seu pai sobre a final, tirando a paciência de Aaron.

Quando chegaram na capital, a tarde se encaminhava para o crepúsculo e a estação estava completamente lotada. Balor pegou seus pertences e partiu na frente, sendo o primeiro a desembarcar:

— Venham!

Eles seguiram o homem mais velho por entre a multidão de pessoas que se agrupavam no terminal, muitas trajando uniformes coloridos e vibrantes, que Aaron supôs pertencer aos times que disputariam a final. A grandiosa estação central da capital havia sido construída no estilo gótico, feita inteiramente de grandes blocos de uma pedra cor de chumbo. O seu pé direito era imenso, e o teto, composto de vários arcos, era encrustado de pequenas pedras brilhantes, dando a impressão de que ele estava olhando para um belo céu noturno. A cacofonia de sons e luzes era impressionante e mais uma vez o filho do Lobo podia ver o quão diversificado eram os Elementais. Alguns possuíam poderes aparentes, uns de forma bem bizarra, já outros, de uma maneira bela e exuberante, como uma garota com as asas de borboleta, que voava alegremente pelo lugar. Aquilo fascinava Aaron, imaginar quais poderes cada uma daquelas pessoas devia ter, quão poderosas elas podiam ser. Toda aquela diversidade enchia seus olhos, e o faziam questionar o porquê dos Elementais não conseguirem aceitar os Comuns.

Assim que reconheciam Balor, as pessoas abriam passagem e o cumprimentava em sinal de respeito, fazendo com que atravessassem o lugar com certa rapidez, não permitindo que Aaron apreciasse todos os seus encantos.

Um carro vermelho, em um modelo esportivo e um motorista os esperavam do lado de fora. O simpático senhor de bigodes grossos e um corpo esguio, os ajudou a colocar as malas no bagageiro e sentou-se de frente ao volante, dando partida. Seu nome era Lucca, e quando lhe foi dito que era a primeira vez de Aaron na cidade, se animou para contar toda a história do lugar. A cidade estava lotada de pessoas em uniformes coloridos, carregando faixas e cornetas,

entoando hinos enquanto caminhavam na mesma direção. Na verdade, só havia dois tipos de uniforme à vista: um preto e vermelho, com um esqueleto de um cavalo em chamas estampado no peito, e um cinza escuro com dourado, com um homem barbudo segurando um trovão como símbolo. Aaron queria perguntar sobre o tal Fissureball, no entanto, o motorista não parava de falar.

Chegava a ser impressionante a rapidez e o ritmo com que falava o velho homem, não dando espaço para mais ninguém dizer alguma coisa. Aurea ainda tentou interrompê-lo para perguntar algo ao pai, mas sem sucesso. O Comum contou a história de Marabor desde sua fundação, há quinhentos anos. Ela foi construída para substituir a velha capital, a cidade das árvores, Tur, devido à dificuldade de acesso.

A capital ficava localizada exatamente no centro da maior planície do Império, conhecida como a Planície de Água, devido a quantidade de rios que a cortavam, irrigando a vida e a grandiosa floresta que a cobria. Os seus fundadores, com seus poderes, haviam, literalmente, criado uma montanha de dois mil e quinhentos metros de altura, por vinte e cinco mil de largura. A montanha tinha o mesmo tamanho para fora do solo, que tinha para dentro dele, sendo completamente oca, e entrando os mesmos dois mil e quinhentos metros debaixo da terra. A parte exterior era dividida em cinco platôs circulares, como círculos dentro de círculos, cada um, quinhentos metros acima do outro, já a parte subterrânea era um único bloco. Ao redor da montanha, eles haviam construído uma marulha feita de aço titânico, que fazia a de Lysmat parecer de brinquedo, possuindo quinhentos metros de altura por cem de espessura. Flutuando, mais de cem metros acima do topo da montanha, sobre quatro blocos

de mineiras ligados por pontes, ficava a Praça de Governo, com os quatro prédios dos principais órgãos do Império: O Quartel General do Exército Imperial, A Catedral Maior da Santa Igreja, que havia substituído o Palácio do Imperador, O Capitólio dos Ministérios e o Tribunal dos Céus.

A cidade em si era impenetrável, segundo o velho motorista, e nunca havia sido invadida, nem diante dos mais poderosos e grandiosos Exércitos. Não era à toa que era conhecida como a cidade fortaleza.

Quando Aaron pensou que ele finalmente acabara as informações sobre o lugar, Lucca começou a explicar a organização social: os Elementais menos abastados viviam no quinto anel, o anel mais baixo. À medida que estes iam se tornando mais ricos e importantes, iam, literalmente, subindo os degraus. Os Comuns viviam do lado de fora das grandes muralhas, só podendo entrar em Marabor para trabalhar e frequentar certas cerimônias religiosas especiais.

— E a região subterrânea, o que tem lá? – Já que Aaron não conseguia sair daquela conversa enfadonha, ele tentaria pelo menos matar um pouco da sua curiosidade.

— O subterrâneo é onde ficam nossas indústrias... entre outras coisas, mas o senhor não vai querer ir lá.

— Por que não?

— É feio... Estamos quase chegando!

O motorista continuou a falar, mudando de assunto e impossibilitando que Aaron voltasse a lhe perguntar sobre o subterrâneo da cidade, fazendo com que se desconectasse da conversa e acabasse por se perder em sua mente e na vista proporcionada pela altura em que

se encontravam. Ele podia ver o brilho prateado dos rios, refletindo o sol dourado que se punha, cortando o verde vivo da floresta.

Quando o garoto finalmente voltou a si, o carro se movia lentamente através de uma verdadeira multidão de pessoas usando os uniformes dos times de Fissureball. Aurea pulava animadamente ao seu lado enquanto praticamente gritava:

– A final vai ser boa demais, estou sentindo!!

– Para que tanta animação? – Aaron não admitiria, mas estava sendo contagiado pelo clima do local.

– A final da Liga Imperial de Fissureball!!! Os Marabor Firehorses contra os Thunderstorms de Skabel! A final do século!

– Você não sabe o que é Fissureball?! – Balor perguntou com um sorriso simpático no rosto. Até ele parecia mais leve.

Como Aaron não respondeu nada, Aurea continuou a falar animadamente, como uma criança, enquanto todos saíam do carro.

– É o melhor esporte da face da Terra!

– Como funciona? – Aaron perguntou, como se não quisesse saber e estivesse entrando no assunto a contragosto, mas sua curiosidade era genuína.

– É bem simples. São cinco jogadores de cada lado e apenas uma bola. Cada time tem uma zona de pontuação, que ficam nos dez metros finais das pontas mais distantes do campo retangular, indo de uma linha lateral até a outra. O campo, tem cento e vinte metros de comprimento por quarenta de largura. Para pontuar, o atleta tem

que fazer a bola tocar o chão da zona de pontuação, ganha quem fizer cinco pontos primeiro.

– Parece bem simples. E as pessoas simplesmente correm com a bola de um lado para o outro? – Aaron tentava imaginar como o jogo se desenrolava.

– Basicamente. Cada jogador do time só pode conduzir a bola uma vez, se ele parar o seu avanço, ele tem que passar a bola para um dos seus companheiros, sob pena do time perder a posse. Além disso, cada jogador pode conduzir a bola uma vez por posse, se ele passar a bola, ele só pode recebê-la de novo se o time adversário tocar na bola.

– Acho que entendi.

– Calma, ainda não acabou. O campo é cortado por diversas fissuras aleatórias, como um vidro trincado, tendo, inclusive, alturas diferentes. Cada fissura, tem cerca de um metro e meio de espessura e dez metros de profundidade, deixando apenas o que chamamos de pilares, por onde os jogadores podem se movimentar.

– E o que acontece com quem cair em uma das fissuras?

– Tem uns três metros de água nas fissuras, para amortecer as quedas. E quem cair tem que arrumar um jeito de subir de novo para o campo. O jogador não pode nem ser substituído, pois há a obrigação de se estar em campo para que se possa fazer isso. Ou seja, quando alguém cai, o time fica com um a menos até que ele consiga voltar para o jogo.

– E quanto aos poderes?

Aurea deu um sorriso antes de responder:

– Esta é a melhor parte! O uso de poder é liberado. Só é proibido dar murros e chutes. O resto pode.

– Parece ser divertido demais! – Aaron acabou deixando transparecer um pouco da sua animação, o ambiente era extremamente contagiante. As torcidas gritavam hinos, crianças pequenas gritavam nos ombros dos pais, todos tomados pela expectativa do jogo.

Lentamente eles se aproximavam de uma grande construção de pedra, iluminada por potentes fochos de luz, que rodopiavam em todas as direções, projetando nas nuvens as mascotes dos times. Eles chegaram a uma guarita, onde um homem colocou sua cabeça sorridente para fora:

– Boa noite senhores. Para qual camarote se dirigem?

– Para o de Gennis Storegeni. – Lucca respondeu animado.

– Nomes?

– General Balor e família. – O homem falou com orgulho.

– Claro senhor, desculpe-me a falta de educação. Os senhores podem estacionar nas vagas pintadas de cinza, que vão ficar o mais perto possível do estádio. – O porteiro liberou a entrada deles, abrindo o portão com pressa.

Lucca conduziu o carro calmamente até o lugar onde poderiam estacionar, parando em uma das vagas demarcadas com tinta cinza, quase prateada. Sem a multidão para atrapalhar, Aaron finalmente pôde ver o Estádio da Luz.

Ele parecia fazer parte da própria montanha, tamanha era a fluidez da construção. Não se podia ver nenhum tipo de junção, remendo ou separação, não importava para onde você olhasse, a construção em forma oval era perfeita. Nem sequer se conseguia enxergar onde começava o chão e onde acabava a construção. A pedra cor de bronze com que havia sido feito, mais parecia o próprio metal, pela forma como refletia a luz que iluminavam não só o seu interior como tudo ao redor.

E, para completar o espetáculo, feitos da mesma pedra e com a mesma fluidez, duas imensas esculturas das mascotes dos times, saíam de cada ponta do estádio, uma em direção a outra, como se estivessem prestes a se chocar em combate exatamente no centro do campo.

De um lado podia-se ver o cavalo-esqueleto em chamas e do outro, o senhor barbudo e musculoso, brandindo um raio em sua mão direita.

Os Elementais não paravam de surpreender Aaron, que olhava embasbacado. Até Aurea e Balor pareciam impressionados:

– Gennis realmente se superou desta vez. – Balor falou animado para Aurea. – Vamos!

O camarote era tremendamente espaçoso, em um formato retangular com o chão coberto por um confortável tapete escuro, mesas cheias de comida nas paredes laterais e uma grande quantidade de pessoas vestidas casualmente. Vários garçons, vestidos de terno e gravata, passavam entre os convidados de Gennis Storegeni, servindo bebidas e canapés. Uma varanda ficava do lado oposto à porta de entrada, após uma parede de vidro, onde várias cadeiras de aparência confortável davam uma visão completa e sem obstáculos do campo

de jogo.

Balor olhava ao redor, procurando por seu amigo, enquanto eles andavam pelo lugar, até que alguém finalmente chamou seu nome:

– Balor, meu velho amigo!

O General se virou e abriu um grande sorriso para um homem relativamente gordo e extremamente bem vestido, em uma camisa de linho branca com o escudo dos Marabor Firehorses e uma calça azul escura. Ele tinha o cabelo curto e os olhos de um negro claro, assim como sua pele. Os dois deram um abraço apertado, de quem se conhecia há muito tempo, e quando se separaram, o homem que Aaron supôs ser Gennis continuou a falar:

– Como você está?!

– Fala, Gennis! Estou indo, e você, como anda?

– Muito bem, graças aos Deuses. Aurea, trouxe algo para você! – Ele fez menção de tirar algo do bolso de trás da sua calça, mas pareceu não encontrar o que estava procurando. – ... Acho que eu deixei com o Gent. Vou aproveitar e chamar ele!

– Tio Gennis, não precisa de nada!

– Não, minha filha, faço questão!

Gennis saiu cheio de energia, antes que alguém conseguisse impedi-lo, voltando pouco tempo depois, trazendo Gent consigo. O filho se parecia muito com o pai, sendo pouco mais gordo, vestindo uma camisa autografada do Marabor Firehorses e uma calça preta.

– Tio Balor!!! – O garoto bateu continência animado para o General,

em um gesto brincalhão, se virando para Aurea logo em seguida, para lhe entregar um pacote. – Olha o que a gente conseguiu para você!

– Jovem Gent...! – Balor devolveu a continência, dando um passo à frente para pegar na barriga do garoto, enquanto Aurea abria seu presente, e soltar um comentário em um tom entre a brincadeira e a repreensão. – Está gordinho, hein?!

Aaron estava impressionado pela intimidade com que eles se tratavam. Balor e Gennis realmente deviam ser melhores amigos, mas não esperava aquele comentário do General. Gent, no entanto, soltou uma gargalhada, respondendo animado:

– As garotas me amam assim, o que eu posso fazer? E vamos entrar para Lysmor, então tenho que aproveitar para ser gordinho enquanto dá!

Todos riram, se divertindo com os comentários de Gent. Até Aaron, que se sentia um pouco deslocado diante da situação, não pode se segurar diante da resposta bem humorada.

– Ah, vocês não existem, sério mesmo. Uma camisa totalmente autografada dos Thunderstorms, mesmo eles jogando contra o time de vocês hoje?! Não precisava!

Aurea já começava a vestir o seu presente, quando Gennis a interrompeu.

– Só não pode usar aqui, né?!

– Eita tio, desculpa! – Aurea tinha metade da camisa posta, com o seu braço direito ainda fora da manga.

– Estou brincando, besta!!! Claro que pode usar, só não pode chorar e ficar triste, quando vocês perderem!

Todos voltaram a rir, até Balor finalmente se aperceber que não apresentara Aaron ainda:

– Esse daqui é Aaron Fischer, o garoto que havia comentado com você, para se juntar à Gent e Aurea na Prova dos Elementos!

– Prazer Aaron! Seja muito bem-vindo! – Gennis adotou um tom mais formal para se dirigir a ele, mas manteve sua simpatia evidente.

– Companheiro Aaron, vamos destruir nessa Prova dos Elementos!
– Gent apertou sua mão com entusiasmo. – Mas antes de tudo, para que time você torce?

– Muito prazer! – Aaron abriu um tímido sorriso. Sua cara fechada não resistindo a simpatia e bom humor daquela dupla. – Na verdade, eu não torço para nenhum time...

– Como assim??? Não seja por isso, vai torcer para os Firehorses, espera aqui, que eu já volto! – Gent sumiu na multidão e voltou rapidamente com um uniforme do time da casa, entregando a Aaron.

– O que vocês acham de comermos? Reservei uma mesa especial para nós!

Ele os guiou até uma mesa mais afastada, encostada no vidro do camarote, com uma visão espetacular do campo, que como Aurea dissera, era totalmente cortado por fissuras. O estádio ainda não estava cheio, mas o fluxo de pessoas entrando era cada vez maior.

Enquanto o general e Gennis colocavam a conversa em dia, Gent não

parava de falar em uma torrente de informações. Era impressionante o conhecimento que ele tinha. O seu jeito engraçado de falar sobre as coisas, arrancavam risadas de Aaron a todo instante.

Apesar do garoto não calar a boca por um minuto, Aaron estava simpaticando com ele. O problema é que ele não parecia estar na melhor das formas para participar de um teste tão intenso quanto diziam ser a Prova dos Elementos, mas não se podia julgar pela aparência, afinal, ele ainda não sabia qual era seu poder.

Várias pessoas que passavam, paravam para falar com os dois adultos da mesa. Aaron sabia que Balor ocupava uma posição extremamente alta, pois era general, mas Gennis recebia tanta atenção quanto seu amigo.

Após algum tempo sussurrando entre si e cumprimentando várias pessoas, os dois finalmente se viraram para falar com os garotos.

-Certo, pessoal, que acham de falarmos sobre a Prova dos Elementos enquanto o jogo não começa?

— Claro! – Gent respondeu animado, seguidos por confirmações menos entusiasmadas de Aurea e Aaron.

— Tem alguns conselhos básicos que eu posso dar. – Balor parou, massageando sua barba, enquanto pensava. – Apesar de não ser permitido matar deliberadamente, mortes acidentais são muito frequentes, então tenham muito cuidado. Nunca se separem e sempre pensem antes de atacar alguém ou um grupo, alguns jovens que vão estar lá valem, sozinhos, por muitos. – Balor parecia não ter mais conselhos, então Gennis tomou a palavra:

— E fiquem atentos. Os perigos não são só os outros Elementais,

em todas as ilhas existem animais poderosos, como fenrics, ursos-da-caverna, grifos...

– O que são fenrics? – Aaron nunca havia ouvido falar de nada parecido, e Gent tratou de responder antes do pai:

– São como lobos, só que pesam mais de 800 kg e possuem uma velocidade assustadora. Uma mordida pode destroçar uma árvore, e nunca caçam sozinhos... Ah, a pelagem deles os deixa praticamente invisíveis no escuro – Aquele garoto estava animado até falando aquilo.

Seu pai não pareceu se importar com a intromissão e retomou o que estava falando:

– Não acho que eles deixariam algo mais perigoso que fenrics e ursos-da-caverna na ilha escolhida.

– Mas se avistarem um dos dois só os enfrentem se for a última opção. – O pai de Aurea fez a ressalva interrompendo Gennis.

– E o meu último conselho é para vocês sempre ficarem perto de fontes de água e comida, mas longe de locais óbvios. Por exemplo, se a ilha só possuir uma fonte de água, não fiquem nos seus arredores, tentem achar uma fonte alternativa, como plantas. Caso não seja possível, vão até a tal fonte só para pegar água e se distanciem, não fiquem nos seus arredores. Entenderam?

Todos balançaram a cabeça em sinal de afirmação, para Gennis. E o General Balor finalizou:

– Resumindo: sigam seus treinamentos. Nunca se separem, sempre saibam quem estão atacando, fiquem longe dos animais mais perigosos

e do centro convergente da prova, porém, fiquem perto das fontes de água e de comida. Se vocês fizerem isto, a chance de conseguirem passar é muito grande. A maioria dos participantes perdem para a própria ilha ou para si mesmos!

Antes que qualquer um pudesse perguntar mais alguma coisa, o som de palmas ao lado da mesa atraiu a atenção de todos.

— Ora, ora, ora, se não é o General Balor, o Infernal e Gennis Storegeni, o maior gênio que Império já teve! Belos conselhos, general. Só não sei se serão o suficiente.

O homem que havia interrompido a pequena reunião tão rudemente estava vestido em uma capa de seda branca com adornos escritos em uma língua que Aaron não sabia identificar, costurados em uma linha preta brilhosa. Seus cabelos lisos e prateados iam até os ombros magros, os seus olhos lilases tinham ar cruel. Ao seu lado, estava um jovem que era a sua cópia, seus olhos arrogantes, da mesma cor arroxeadas. Assim como o pai, ele era alto e magro, com os cabelos cortados mais curtos. Atrás deles, vários seguranças os acompanhavam. Depois de uma pequena pausa, o homem mais velho continuou:

— Afinal, estão dizendo que esse é a Prova dos Elementos com o maior nível de poder da história, maior até do que a que nós prestamos. Segundo os boatos, até o filho desaparecido do Lobo vai finalmente reaparecer! Vai ver é por isso que o Exército Negro tem estado tão agitado ultimamente.

— Sumo sacerdote Gruso, obrigado pela informação – Era claro pela voz e pela expressão em seu rosto que Balor não gostava daquele homem.

– Não há de que general, afinal, eu quero o bem a todos os filhos dos deuses. Nos vemos no baile de abertura do ano letivo? – Ele deixou a pergunta sarcástica no ar, dando uma última olhada para trás enquanto se dirigia para uma mesa mais afastada.

Todos se sentaram na mesa novamente, e Gent fez um comentário, quase que para si mesmo:

– Que cara estranho... chega a me dar calafrios.

– Não é à toa, meu filho. Fiquem longe dele e do filho dele.

Aaron ainda estava confuso.

– Desculpem, mas quem é este?

Gent mais uma vez estava animado em explicar as coisas, mas foi Balor quem respondeu:

– Esse é um dos cinco Sumo Sacerdotes que comandam a igreja, e o homem que mais torturou e matou pessoas na Guerra dos Deuses Caídos. Era ele o responsável pelos interrogatórios. – Aaron percebeu o olhar de reprovação que Gennis lançou ao general, mas Balor não pareceu tomar conhecimento. – Por falar nisso, por que você o convidou?

– Falamos disso depois... – Gennis, abriu os olhos, ao fazer um sutil movimento com as mãos, como se perguntasse “é sério isso?”, antes de mudar de assunto. – ... Agora o jogo está prestes a começar!

FISSUREBALL

Os Thunderstorms de Skabel foram os primeiros a entrar em campo, e sua torcida, apesar de estar em menor número, fez o resto do estádio se calar com os gritos e hinos cantados. Assim que o time pisou em campo, uma sequência de relâmpagos e trovões cortou o céu com um estrondo ensurdecedor, iluminando a noite e fazendo o coração de Aaron acelerar. Um Elemental gigantesco vinha a frente do time, carregando uma imensa bandeira que Aaron supôs ser da cidade de Skabel.

O uniforme utilizado por ele mais parecia uma armadura. Uma cota de malha cinza escuro, protegia toda a parte superior dos jogadores, deixando de fora apenas a cabeça e os braços, que na maioria era coberto de tatuagens. Apenas os jogadores titulares permaneceram dentro de campo esperando pelos seus adversários.

Uma batida começou a ser ouvida, primeiro a baixo volume, mas crescendo a cada vez que se repetia, até chegar a um ponto que o próprio estádio parecia pulsar como um coração vivo. O chão balançava com o som das batidas cada vez mais frequentes.

— MARABOR FIREHORSES!!!

O som parou, deixando apenas o barulho da torcida ensandecida e os estouros dos fogos que faziam a noite virar dia. O time da capital entrou correndo em campo, no centro da massa de atletas estava um firehorse, um esqueleto de cavalo em chamas vermelhas como brasa, sendo montado por uma linda garota carregando a bandeira

da capital.

Aquilo não era apenas um jogo, era um show. Um show que estava envolvendo Aaron por completo. Ele estava simplesmente fascinado por cada detalhe. Tinham tantas coisas acontecendo, tantas coisas que ele nem entendia, como o fato de a garota não estar sendo queimada pelo fogo do cavalo infernal.

Se passaram vários minutos até a torcida finalmente se acalmar e os jogadores titulares se alinharem para que pudesse ser cantado o hino imperial. Enquanto isso, Aurea e Gent discutiam sobre as formações e jogadores utilizados pelos times. Claramente, Gent era um grande torcedor dos Firehorses e Aurea dos Thunderstorms.

Uma senhora distinta, vestida em um vestido longo, entrou no campo, indo em direção ao palco montado especialmente para ela. A sua voz era impressionantemente potente e bela, permitindo que todos no estádio a ouvissem sem problemas, mesmo cantando o hino à capela.

Ao acabar a sua apresentação, a torcida voltou a enlouquecer, gritando e procurando incentivar seus times, os quais esperavam a retirada do palco para dar início ao jogo.

— Nossa... – A voz daquela mulher era algo esplêndido. Aaron nunca ouvira nada parecido.

Percebendo que Aaron estava um pouco deslocado na conversa, Gent se aproximou para explicar quem eram os jogadores de cada time:

— Você já viu a escalação?

— Ainda não. Na verdade, não conheço nenhum jogador.

— SÉrio? Não faz mal, eu vou te mostrar. Vamos começar pelo melhor time, os Firehorses.

Aurea deu uma risada interrompendo o garoto:

— Vamos ver no final do jogo qual é o melhor time!

Gent abriu um sorriso e respondeu:

— Vamos ver! Mas agora me deixe apresentar os jogadores ao nosso amigo aqui, para ele poder acompanhar o jogo. Vamos lá! Os cinco titulares dos Firehorses são: Rona, ele é o careca dentuço e forte. O poder dele é a hipervelocidade, e ele é simplesmente um fenômeno, é quem mais pontua e é sempre o último a receber a bola. Movich é o altão com o cabelo longo e o nariz grande. Ele também pontua bastante, mas é mais brigador, gosta de passar por cima dos adversários, apesar de ser extremamente habilidoso. Sua força é muito acima da média, além de ter o poder de transformar sua pele em ferro. Aldo é o dentuço do cabelão encaracolado, ele é o mais habilidoso do time, pontua bem, além de distribuir o jogo. Ele consegue voar, além de conseguir atrair os objetos, como um centro gravitacional. Esses três formam a parte ofensiva do time, com Movich e Rona jogando na frente e Aldo no meio campo. O time defensivo é composto por Tus, o barbudo do cabelão. Ele é implacável na defesa, você pode até passar por ele, mas ele vai te caçar e tomar a bola. O poder dele pode parecer meio ridículo, mas é bem efetivo.

— Qual é o poder dele? – Aaron estava curioso. Saber os poderes dos Elementais ainda o fascinava.

— Ele é um homem-topeira. Então, ele passa o jogo inteiro debaixo da

terra, só aparecendo na superfície para surpreender seus adversários. Claro que ele também é bem forte e rápido. E por último, e não menos importante, temos Mats, o grandão de cabeça raspada. Ele é brutalidade pura! Tem o poder de controlar seu próprio peso. Então, é quase impossível ganhar em uma dividida contra ele.

— Ou seja, todo mundo no time é bom?

Foi Aurea quem respondeu dessa vez:

— É, mas é porque ele ainda não falou dos jogadores do Thunderstorms.

— Não vou discutir. O jogo vai mostrar que os Firehorses são melhores. Mas vamos para o time visitante: o trio ofensivo é formado por Kav, Regor e Gagu. Regor é considerado o maior jogador de fissureball de todos os tempos, ele realmente é impressionante. Não tem nada que não faça espetacularmente bem. O seu poder é o que eu chamo de telecinese involuntária.

— Como assim?

— Não é como se ele pudesse mover os objetos livremente como um telepata clássico. Porém, quando define um alvo, sua telecinese entra em ação involuntariamente para garantir que ele acerte. Em teoria, é impossível ele errar. E claro, a sua velocidade e força são bem acima da média, assim como a habilidade.

— Um poder bem impressionante. – Aaron conseguia imaginar inúmeras utilidades para a habilidade do atleta em um campo de batalha.

— Realmente é. Ele frequentou Lysmor, foi o melhor jogador da liga colegial durante todos os anos que participou, e quando saiu virou

jogador profissional.

– E quem é ele dos cinco? – Aaron estava apontando para o time de Skabel.

– O cara magro, de cabelo preto meio ondulado e cara séria.

– E Kav e Gagu?

– Kav é o cara de cabelo curto, sorridente, com os olhos verdes. Ele também é impressionante, está em uma ótima fase e é o maior pontuador do time. É um homem-elástico. E você vai ver durante o jogo, ele parece estar em todo lugar. Já Gagu é o de cabelo loiro encaracolado. Sua habilidade é voar e ele pode passá-la por um curto período para uma pessoa ao tocá-la.

– Então ele funciona como um suporte?

– Na verdade ele está mais para um coringa. Os Thunderstorms têm inúmeras jogadas em que eles usam Gagu. Para mim é o melhor jogador. – Mais uma vez a filha do general interrompeu. Ela estava claramente ansiosa para vê-lo jogar.

Aaron fez um sinal de que tinha entendido e Gent continuou sua explicação. O garoto parecia ter um grande prazer em fazer isso:

– Por fim temos os dois jogadores de defesa: Lad e Gene. O primeiro é o gigante que você está vendo – Gent apontava para um homem moreno extremamente musculoso de cerca de dez metros de altura com um cabelo negro e longo penteado para trás. – Um gigante de verdade, um dos últimos da sua raça, infelizmente.

Aaron não cansava de se impressionar com as coisas que descobria.

Realmente parecia que nada era impossível.

— A sua estamina é quase infinita e sua força é absurda. Muitos dizem que ele é só físico, porém, apesar das aparências, ele é bastante habilidoso e perigoso, puxando vários contra-ataques. Por fim temos Gene, a loirinha ali. Apesar de linda, é bem perigosa. Ela consegue conduzir altas voltagens de energia elétrica por sua pele, fazendo com que qualquer pessoa que a toque leve um tremendo choque. A federação a proibiu de usar choques fatais, obviamente. Mas ela sempre deixa um ou dois jogadores desmaiados. – Gent o olhava com um grande sorriso no rosto, esperando que Aaron fizesse algum comentário.

— Agora eu estou ansioso de verdade para que o jogo comece.

A organização do evento havia finalmente tirado o palco do centro do campo e o jogo estava prestes a começar. Os atletas estavam cada um em sua posição, com Stam e Lad posicionados para disputar a primeira bola do jogo. O juiz da partida vestido em preto e branco estava entre os dois, segurando uma bola marrom do tamanho de um mamão e de aparência extremamente pesada.

A torcida de ambos os lados voltou a se agitar, cantando músicas de incentivo enquanto o juiz soava o apito e jogava a bola com toda a força para cima.

O gigante foi o primeiro a pular em direção a bola e, devido à sua altura, não precisaria de muito esforço para agarrá-la primeiro. Mas foi surpreendido pela ombrada do seu adversário desferida contra seu corpo.

O peso aumentado de Stam fez Lad ser deslocado, levando-o ao

chão, deixando uma posse de bola tranquila para seu adversário, que imediatamente passou a bola para Aldo.

Aaron viu Tus desaparecer na terra enquanto o armador do time voava baixo a toda velocidade na direção do centro do campo. Gagu e Kav se moveram imediatamente para interceptá-lo na metade do campo defensivo dos Thunderstorms, e já estavam prestes a fazê-lo quando ele arremessou a bola em direção a uma das fissuras do campo e se chocou contra o loiro, fazendo ambos caírem do ar.

Antes que a bola atingisse a água, o homem-topeira saiu voando de dentro de uma coluna para outra, conseguindo alcançá-la.

Kav rapidamente usou seu poder para persegui-lo, fazendo seu braço esticar e entrar pelo mesmo buraco.

— Te peguei! — O homem-elástico havia pego Tus pelo tornozelo e o puxado para fora da terra, arremessando-o contra uma das colunas. Mas ele já estava sem a bola.

Os jogadores do time visitante pareciam surpresos, procurando pela bola, até que Regor a avistou:

— Ali! — Apontou para uma coluna a cerca de vinte metros da primeira zona de pontuação dos Firehorses. No centro da coluna havia um buraco grande o suficiente apenas para passar a bola, que jazia parada ao lado dele.

O craque do time ainda fez menção de correr até ela, mas Rona passou como um raio pela defesa distraída da equipe de Skabel, pegando a bola e correndo para fazer os primeiros pontos da noite.

A torcida voltou a explodir em um barulho ensurdecador, assim

como Gent e a maior parte do camarote.

-Eu disse, Marabor Firehorses são os melhores! Não tem para ninguém esse ano!!! – Gent pulava de alegria e abraçava o seu pai!

– Calma, isso foi só sorte! – Aurea estava com uma cara emburrada enquanto falava.

-Sorte nada, isso se chama jogada ensaiada! Fui eu quem criei essa!!! E tem muito mais de onde veio!

O jogo continuou numa demonstração incrível de força, habilidade, estratégia e muita brutalidade por parte dos jogadores. Era realmente um esporte violento, mesmo assim, indescritivelmente bom de se assistir.

Tudo era incrível: a velocidade, a precisão, a força dos jogadores. Gent e Aurea não mentiram: aquilo realmente era divertido.

O jogo estava extremamente disputado, ponto a ponto, intenso, ataque e defesa a todo o instante por parte dos dois times. Qualquer descuido de uma das equipes acabava com a outra pontuando.

Após uma hora e meia, o jogo estava empatado com ambos os times já tendo pontuado quatro vezes. Ou seja, quem fizesse um ponto agora, seria campeão.

A posse da bola era dos Thunderstorms de Skabel e eles esperavam o apito do juiz para poderem tentar o seu ataque. Os jogadores de ambos os lados estavam claramente exaustos, com diversos machucados no corpo, mas com um semblante extremamente compenetrado. O único que parecia ter fôlego de sobra era o gigante Lad.

O defensor do time saiu em disparada pela lateral do campo, partindo da própria zona de pontuação. A sua velocidade não era tão grande, mas o chão tremia sob seus pés.

Ao seu lado corria Gene, enquanto os outros três jogadores do time se mantinham para trás, em uma espécie de inversão de posições.

Aldo foi o primeiro dos Firehorses a dar combate, voando até as costas dos seus adversários e usando seu poder de atração para tentar parar a corrida dos dois. Porém, ele não era páreo para a força bruta do gigante, que continuava a se mover. Já Gene fez o contrário, deixando seu corpo ser levado até o armador do outro time.

Quando o armador do time percebeu seu erro, já era tarde demais. A loira estava a poucos metros, com um sorriso no rosto e correntes de energia passando pelos seus braços abertos.

Os dois se chocaram em pleno ar, enquanto raios azuis estralavam para todos lados e eles caíam juntos em velocidade contra o chão. Com certeza não voltariam ao jogo.

Sem o poder de Aldo para lhe segurar, o gigante voltou a ganhar velocidade, enquanto os dois brutamontes do time adversário, Stam e Movich se colocavam na sua rota de colisão. O estádio pareceu se calar, esperando pelo impacto entre os atletas.

O choque pôde ser ouvido claramente de onde Aaron e os outros assistiam ao jogo. Os três foram mandados de volta na direção de onde vinham, caindo semiconscientes.

Gent e Aurea se levantaram das cadeiras, procurando com quem dos três estava a bola, mas ela não estava mais lá. Segundos antes da colisão, Lad a havia deixado escorregar das suas mãos propositadamente,

abandonando-a e nocauteando dois jogadores do time adversário.

Kav, que vinha acompanhando a jogada pelo lado oposto do campo, usou seu poder para esticar seu braço e pegá-la sem que ninguém notasse. Agora, ele corria praticamente desimpedido para a zona de pontuação.

Aurea gritava enlouquecida, incentivando seu time, que estava à beira de vencer o jogo. Ela já estava prestes a começar a brincar com Gent, quando o homem-elástico caiu no campo.

O estádio que assistiu em silêncio o livre progresso do jogador do time visitante, explodiu em gritos de alegria novamente. Aaron pôde ver o motivo: Uma mão com grandes garras saía de um buraco na terra e segurava Kav pelo tornozelo direito. O filho do Lobo esperava que o jogador dos Thunderstorms apenas usasse seu poder para esticar seu braço até zona de pontuação, mas ele simplesmente jogou a bola para o alto.

— Ele só pode pontuar se o corpo inteiro estiver dentro da zona!!!
— Agora era Gent quem vibrava de entusiasmo, mas esse não durou muito, pois Regor passou voando e recuperou a posse da bola para sua equipe, antes que Rona pudesse alcançá-la.

Aparentemente Gagu, que já estava quase na quinta zona, usou sua técnica de passagem de poder.

Regor teve que fazer o passe para seu companheiro enquanto caía abraçado por Rona, que o havia atingido com força nas costelas.

Como Gent havia dito, mesmo sendo um passe aparentemente impossível de ser acertado, a bola fez uma curva perfeita até as mãos de Gagu, deixando-o a poucos metros da glória. Ele se virou com um

sorriso de vitória em seu rosto simpático, mas antes que pudesse se mover um centímetro, foi atingido no queixo por um ombro de ferro, caindo desacordado, com sangue no rosto.

Movich tinha apenas um braço recoberto de ferro, seu outro membro superior estava completamente fora do lugar e quebrado em várias partes.

O homem da armadura de ferro aterrissou feio no chão após a colisão, mas conseguiu se levantar e recuperar a posse da bola.

Movich atravessou o campo sem ser desafiado. Tus e Kav estavam se mantendo ocupados, assim como Regor e Rona, enquanto os outros estavam desacordados em campo.

O estádio quase veio abaixo quando o jogador do Marabor Firehorses desmaiou com a bola na mão, na zona de pontuação, sagrando seu time campeão do Campeonato Imperial.

A comemoração foi até tarde, com direito a muita bebida, música e até um show de fogos. A cidade inteira estava em festa e os garotos a aproveitavam ao máximo. Aaron seguia sentado, tentando manter sua pose sisuda, mas nem ele fora capaz de se segurar completamente ausente, entrando em algumas das brincadeiras tiradas por Gent, com Aurea sobre a derrota do seu time.

Quando já estava começando a ficar tarde demais, Balor e Gennis chamaram os três:

— Vocês vão para casa de Gennis e irão dormir lá, assim o Gent vai poder passar algumas das estratégias que planejou, além do que, vocês precisam descansar.

Depois de alguns protestos, eles finalmente conseguiram convencer Aurea e Gent a partirem. Balor deu um beijo em sua filha, assim como Gennis, fazendo Aaron sentir-se só, diante daquela cena. Uma memória involuntária do seu pai morto, com sua própria adaga fincada no peito, o invadiu, fazendo-o se recriminar por ter perdido o foco na sua vingança, por ter se deixado conquistar e levar por todo aquele fascínio.

— Você não vem também pai? – Gent parecia um pouco confuso por Gennis não estar indo com eles.

— Eu e Balor ainda temos muito a discutir, vocês vão na frente. Amanhã nos encontramos no café da manhã.

Diante daquelas palavras, Aaron sabia que era naquele momento, que Balor começaria suas reuniões e discussões importantes. Ele precisava ficar, para tentar escutar alguma coisa, por mais que, naquele momento, ele fosse um agente duplo, tanto para Kuma, quanto para Balor, ele tinha que utilizar aquela situação para favorecer a si próprio. Não podia ficar nas mãos de nenhum dos dois. Enquanto ele, Aurea e Gent se distanciavam, ele ainda pôde ouvir a voz grossa de Balor, o tom duro de volta:

— Conseguiu marcar a reunião com os industriais?

— Poucos aceitaram vir, mas eles estão aqui. Contando conosco e alguns deles, já teríamos dinheiro o suficiente para começar algo... O General Vobben, também está aqui, transmiti a sua mensagem.

— Isso é bom... Me reunirei com a Sumo Sacerdotisa Lyr amanhã. Independentemente dos resultados destas reuniões, pelo menos saberemos que caminho tomar...